


Donald A. Carson

Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática?

Unidade e diversidade
no Novo Testamento



VIDA NOVA

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
1. Definição da questão	9
2. Definições de trabalho	21
3. Crítica	29
4. Reflexões positivas	43
<i>Conclusão</i>	85

Prefácio

QUANDO OUVIMOS FALAR DE TEOLOGIA BÍBLICA nem sempre fica claro a que exatamente essa expressão se refere. Alguns entendem que a expressão diz respeito à teologia de acordo com a Bíblia, em oposição a uma teologia herética. Outros imaginam que a referência é a uma teologia que está baseada nas Escrituras. Nenhuma das sugestões é correta. A Teologia Bíblica define-se basicamente a partir de sua distinção em relação à Teologia Sistemática e à História das Religiões. A proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, de modo indutivo, sem depender das categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática.

Essa tentativa saudável tem produzido, por outro lado, uma desconfiança mordaz da Teologia Sistemática. Alguns a consideram impossível, outros a consideram uma filosofia disfarçada de teologia que procura desfigurar o conteúdo bíblico e há até aqueles que repudiam sua prática, considerando-a inútil. Como lidar com o problema? Justifica-se a elaboração sistemática da fé? Não seria a sistemática apenas um referencial confessional sem base bíblica suficiente? Como se relacionam as duas disciplinas? Onde os métodos teológicos indutivo

e dedutivo encontram-se? Ninguém melhor do que o dr. Donald A. Carson para abordar o assunto. Possivelmente o mais respeitado erudito da área de Novo Testamento do mundo, no contexto evangélico, o dr. Carson é reconhecido como grande pregador, exegeta e intérprete cristão de nossos dias. É escritor prolífico, tendo sido premiado inclusive por uma obra que discute a tarefa da igreja na pós-modernidade. Além de ser doutor em teologia pela respeitadíssima Universidade de Cambridge (Inglaterra) e professor da área bíblica de um dos mais respeitados seminários norte-americanos, o Trinity Evangelical Divinity School.

Neste breve opúsculo, o dr. Carson trata magistralmente a questão introduzindo o problema a princípio, discutindo as críticas dos que se opõem ao diálogo entre as duas teologias e conclui em favor da plausibilidade e possibilidade da teologia sistemática que interage com uma teologia bíblica. Temos a plena convicção de que o amigo leitor será recompensado com a leitura desta obra.

Somos gratos a Deus pela visão e parceria entre o Seminário Servo de Cristo, referência acadêmica das igrejas cristãs orientais, e as Edições Vida Nova, respeitada referência da literatura teológica evangélica de alto nível, para promover uma conferência teológica de alto nível que abordará também este relevante assunto. Com toda a certeza, a publicação desta obra comemorativa em relação à conferência será um marco para a igreja cristã no Brasil. Estamos convictos de que a reflexão ali elaborada produzirá sementes que prometem um futuro triunfante para a obra do mestre nas igrejas cristãs brasileiras de todas as mais diversas etnias.

Luiz Sayão
Julho de 2001

Capítulo 1

Definição da Questão

PODE-SE PERGUNTAR, NO ATUAL CLIMA DE TEOLOGIA acadêmica, por que um estudante, cujo foco primordial de interesse acadêmico sejam os documentos do Novo Testamento, deveria envolver-se com questões que dizem respeito aos alicerces da teologia sistemática. As razões são muitas, quase nenhuma delas é simples. Vivemos numa era de crescente especialização (devido em parte à rápida expansão do conhecimento), e disciplinas que *a priori* deveriam funcionar em íntima união estão sendo distanciadas uma da outra. Mais importante que isso, há um consenso crescente entre os estudiosos do Novo Testamento de que qualquer teologia sistemática que reivindique resumir a verdade bíblica é, na melhor das hipóteses, obsoleta e, na pior delas, perversa. Qualquer possibilidade de teologia sistemática legítima pressupõe que a disciplina buscará em outro lugar que não no cânon cristão as suas normas; ou terá como ponto de partida um centro menor que tal cânon, ou será dele completamente distinto.

É importante apreender as proporções deste dilema moderno. Em seu centro se acham várias pressuposições firmemente entrelaçadas:

1. O Novo Testamento está cheio de contradições;
2. o NT abarca muitas perspectivas teológicas diferentes que não podem ser organizadas num sistema único;
3. sua diversidade não é apenas lingüística, mas conceitual;
4. é constituído de documentos escritos dentro de um intervalo de tempo de tal modo prolongado que desenvolvimentos significativos tornaram obsoletas as posições teológicas dos documentos mais antigos.

A conclusão a derivar-se deste leque de proposições é que uma teologia sistemática do NT é impossível, e muito mais impossível uma teologia que abranja ambos os Testamentos. Nesse sentido, não se pode falar legitimamente de “teologia do NT” mas apenas de “teologias do NT”. A primeira categoria, “teologia do NT”, pode ser considerada uma designação apropriada para a disciplina de estudar tal teologia na medida em que ela pode ser encontrada no NT, mas não para uma suposta estrutura unificada de fé teísta. Como resultado, não é muito surpreendente que das dez principais teologias do NT publicadas entre 1967 e 1976, não haja concordância entre quaisquer dois dos autores quanto a natureza, escopo, propósito ou método da disciplina.¹

Não é meu propósito discorrer aqui sobre o surgimento destas tendências. Suas raízes aprofundam-se na história até o período do Iluminismo; meu conhecimento de seu crescimento é suficiente apenas para assegurar-me de que não possuo conhecimento suficientemente detalhado da história para

desembaraçá-las. Meu objetivo mais modesto é focalizar um número de obras representativas, primeiro descrevendo-as e depois criticando-as, para finalmente oferecer algumas reflexões úteis ao estudante que esteja convencido de que os documentos do NT são nada menos que a Palavra de Deus e que, no entanto, não possa deixar de, por amor à integridade, lutar com sua diversidade substancial. Por conveniência, eu me limitarei, principalmente, ao NT, embora uma análise semelhante pudesse ser estendida para a Bíblia como um todo. Não tratarei diretamente da questão de se um Deus transcendente e pessoal pode usar as línguas de homens finitos,² ou lidar com desenvolvimentos hermenêuticos atuais que exigem uma dicotomia entre o propósito do autor e a compreensão do leitor.³ Tais questões, embora relacionadas a esta investigação, são suficientemente complexas para merecer estudo separado.

Podemos começar com proveito pelo livro extremamente influente de Walter Bauer, *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity* (“Ortodoxia e Heresia no Cristianismo Mais Primitivo”).⁴ A questão que Bauer propõe a si mesmo é se a igreja desde cedo abraçou um conjunto de doutrinas que a capacitava a rejeitar falsas crenças, ou se a distinção entre ortodoxia e heresia é um fenômeno bem mais recente. Metodologicamente, Bauer abandona a evidência do NT, por ser ela muito contestada, e conduz seus leitores em um sobrevôo alucinante ao cristianismo do segundo século. Ele conclui que, desde o princípio, as igrejas, assim chamadas hereges e ortodoxas existiram lado a lado, estando as últimas na minoria; as razões pelas quais os grupos “ortodoxos” eventualmente venceram têm menos a ver com uma incompatibilidade teológica percebida pela igreja do que com o que poderíamos chamar de política. A implicação de tudo isso é que mesmo o

cristianismo do primeiro século não era diferente: crenças profundamente diferentes e até mesmo mutuamente exclusivas eram toleradas sem constrangimento.

Esta reconstrução da história mais antiga da Igreja é muito popular entre os estudiosos contemporâneos do NT. Exerceu enorme influência sobre Bultmann e seus discípulos, mas em graus diferentes o seu impacto se fez sentir em círculos muito mais amplos. No apêndice à edição de 1964 do livro de Bauer, G. Strecker levou o argumento mais adiante e concluiu que o cristianismo judaico do primeiro século não era apenas diferente, mas, por padrões “ortodoxos” mais recentes, herético.⁵ Um ponto de vista semelhante é defendido no livro recente de Elaine Pagel, onde se argumenta que as opções teológicas dos primeiros dois séculos, finalmente condenadas como heresias, não haviam sido tão levemente consideradas em sua própria época e deveriam, portanto, ser novamente exploradas como opções para nossos dias.⁶ E. P. Sanders pressupõe que à certa altura as divisões entre o “herético” e o “ortodoxo” começaram a surgir, mas que esta “mudança na conscientização da comunidade cristã” não ocorreu até o segundo ou terceiro século.⁷ Stephen S. Smalley examina o evangelho e as epístolas de João e concluiu que mesmo ali existe grande diversidade, a tal ponto que este conjunto de documentos “mal pode ser considerado conscientemente ortodoxo ou herético; não é uma coisa nem outra”.⁸

Em resumo, a obra de Bauer estabeleceu uma nova ortodoxia crítica quanto a este assunto, e estudos recentes costumam seguir sua orientação.⁹ De tal perspectiva, não é difícil excluir a possibilidade de uma teologia sistemática baseada nos documentos do NT. Um autor nos diz que “a Bíblia não é um escrito unificado, mas uma obra literária de natureza

composta”;¹⁰ em algum nível tal disjunção é indubitavelmente falsa. Outro autor nos afirma que “o NT é o repositório de muitos *kērygmas*, não de apenas um”,¹¹ enquanto que um terceiro diz que há muitas contradições nas Escrituras porque elas constituem “um auxílio no estabelecimento de cronologia e no discernimento de fontes e do desenvolvimento das tradições, sendo assim um auxílio na reconstrução histórica em geral”.¹²

Esta reconstrução crítica da história da igreja primitiva, associada com outros desenvolvimentos que igualmente depreciam a veracidade do Novo Testamento, gerou inúmeras obras que exploram a natureza da teologia do NT. A perda de confiança na unidade do NT estende-se amplamente para trás,¹³ mas os resultados estão bem presentes conosco. Os estudiosos hoje perguntam se a teologia do NT é possível,¹⁴ criam critérios esotéricos, restritos e extra-bíblicos para determinar o que incluir em tal teologia,¹⁵ ou, no caso de teólogos católicos romanos, apelam francamente à autoridade da igreja católica como a única saída para o dilema.¹⁶

A solução proposta por Gabler para a crise epistemológica do pós-Iluminismo, isto é, distinguir com nitidez entre teologia sistemática e teologia bíblica, dando à última o *status* de disciplina histórica,¹⁷ falhou em grande medida. O movimento da teologia bíblica teve o seu momento de glória entre 1930 e 1960, aproximadamente, mas o seu declínio já foi registrado.¹⁸ Mesmo aqueles que insistem chorosamente que o obitúrio é prematuro¹⁹ não oferecem soluções sólidas, pois, na realidade, ao movimento sempre faltou unidade. Ele foi útil para encorajar estudos específicos em porções menores das Escrituras, mas foi em grande medida incapaz de forjar um consenso quanto ao que deveria ser pregado nas igrejas.

Prefácio

QUANDO OUVIMOS FALAR DE TEOLOGIA BÍBLICA nem sempre fica claro a que exatamente essa expressão se refere. Alguns entendem que a expressão diz respeito à teologia de acordo com a Bíblia, em oposição a uma teologia herética. Outros imaginam que a referência é a uma teologia que está baseada nas Escrituras. Nenhuma das sugestões é correta. A Teologia Bíblica define-se basicamente a partir de sua distinção em relação à Teologia Sistemática e à História das Religiões. A proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, de modo indutivo, sem depender das categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática.

Essa tentativa saudável tem produzido, por outro lado, uma desconfiança mordaz da Teologia Sistemática. Alguns a consideram impossível, outros a consideram uma filosofia disfarçada de teologia que procura desfigurar o conteúdo bíblico e há até aqueles que repudiam sua prática, considerando-a inútil. Como lidar com o problema? Justifica-se a elaboração sistemática da fé? Não seria a sistemática apenas um referencial confessional sem base bíblica suficiente? Como se relacionam as duas disciplinas? Onde os métodos teológicos indutivo

e dedutivo encontram-se? Ninguém melhor do que o dr. Donald A. Carson para abordar o assunto. Possivelmente o mais respeitado erudito da área de Novo Testamento do mundo, no contexto evangélico, o dr. Carson é reconhecido como grande pregador, exegeta e intérprete cristão de nossos dias. É escritor prolífico, tendo sido premiado inclusive por uma obra que discute a tarefa da igreja na pós-modernidade. Além de ser doutor em teologia pela respeitadíssima Universidade de Cambridge (Inglaterra) e professor da área bíblica de um dos mais respeitados seminários norte-americanos, o Trinity Evangelical Divinity School.

Neste breve opúsculo, o dr. Carson trata magistralmente a questão introduzindo o problema a princípio, discutindo as críticas dos que se opõem ao diálogo entre as duas teologias e conclui em favor da plausibilidade e possibilidade da teologia sistemática que interage com uma teologia bíblica. Temos a plena convicção de que o amigo leitor será recompensado com a leitura desta obra.

Somos gratos a Deus pela visão e parceria entre o Seminário Servo de Cristo, referência acadêmica das igrejas cristãs orientais, e as Edições Vida Nova, respeitada referência da literatura teológica evangélica de alto nível, para promover uma conferência teológica de alto nível que abordará também este relevante assunto. Com toda a certeza, a publicação desta obra comemorativa em relação à conferência será um marco para a igreja cristã no Brasil. Estamos convictos de que a reflexão ali elaborada produzirá sementes que prometem um futuro triunfante para a obra do mestre nas igrejas cristãs brasileiras de todas as mais diversas etnias.

Luiz Sayão
Julho de 2001

Capítulo 1

Definição da Questão

PODE-SE PERGUNTAR, NO ATUAL CLIMA DE TEOLOGIA acadêmica, por que um estudante, cujo foco primordial de interesse acadêmico sejam os documentos do Novo Testamento, deveria envolver-se com questões que dizem respeito aos alicerces da teologia sistemática. As razões são muitas, quase nenhuma delas é simples. Vivemos numa era de crescente especialização (devido em parte à rápida expansão do conhecimento), e disciplinas que *a priori* deveriam funcionar em íntima união estão sendo distanciadas uma da outra. Mais importante que isso, há um consenso crescente entre os estudiosos do Novo Testamento de que qualquer teologia sistemática que reivindique resumir a verdade bíblica é, na melhor das hipóteses, obsoleta e, na pior delas, perversa. Qualquer possibilidade de teologia sistemática legítima pressupõe que a disciplina buscará em outro lugar que não no cânon cristão as suas normas; ou terá como ponto de partida um centro menor que tal cânon, ou será dele completamente distinto.

É importante apreender as proporções deste dilema moderno. Em seu centro se acham várias pressuposições firmemente entrelaçadas:

1. O Novo Testamento está cheio de contradições;
2. o NT abarca muitas perspectivas teológicas diferentes que não podem ser organizadas num sistema único;
3. sua diversidade não é apenas lingüística, mas conceitual;
4. é constituído de documentos escritos dentro de um intervalo de tempo de tal modo prolongado que desenvolvimentos significativos tornaram obsoletas as posições teológicas dos documentos mais antigos.

A conclusão a derivar-se deste leque de proposições é que uma teologia sistemática do NT é impossível, e muito mais impossível uma teologia que abranja ambos os Testamentos. Nesse sentido, não se pode falar legitimamente de “teologia do NT” mas apenas de “teologias do NT”. A primeira categoria, “teologia do NT”, pode ser considerada uma designação apropriada para a disciplina de estudar tal teologia na medida em que ela pode ser encontrada no NT, mas não para uma suposta estrutura unificada de fé teísta. Como resultado, não é muito surpreendente que das dez principais teologias do NT publicadas entre 1967 e 1976, não haja concordância entre quaisquer dois dos autores quanto a natureza, escopo, propósito ou método da disciplina.¹

Não é meu propósito discorrer aqui sobre o surgimento destas tendências. Suas raízes aprofundam-se na história até o período do Iluminismo; meu conhecimento de seu crescimento é suficiente apenas para assegurar-me de que não possuo conhecimento suficientemente detalhado da história para

desembaraçá-las. Meu objetivo mais modesto é focalizar um número de obras representativas, primeiro descrevendo-as e depois criticando-as, para finalmente oferecer algumas reflexões úteis ao estudante que esteja convencido de que os documentos do NT são nada menos que a Palavra de Deus e que, no entanto, não possa deixar de, por amor à integridade, lutar com sua diversidade substancial. Por conveniência, eu me limitarei, principalmente, ao NT, embora uma análise semelhante pudesse ser estendida para a Bíblia como um todo. Não tratarei diretamente da questão de se um Deus transcendente e pessoal pode usar as línguas de homens finitos,² ou lidar com desenvolvimentos hermenêuticos atuais que exigem uma dicotomia entre o propósito do autor e a compreensão do leitor.³ Tais questões, embora relacionadas a esta investigação, são suficientemente complexas para merecer estudo separado.

Podemos começar com proveito pelo livro extremamente influente de Walter Bauer, *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity* (“Ortodoxia e Heresia no Cristianismo Mais Primitivo”).⁴ A questão que Bauer propõe a si mesmo é se a igreja desde cedo abraçou um conjunto de doutrinas que a capacitava a rejeitar falsas crenças, ou se a distinção entre ortodoxia e heresia é um fenômeno bem mais recente. Metodologicamente, Bauer abandona a evidência do NT, por ser ela muito contestada, e conduz seus leitores em um sobrevôo alucinante ao cristianismo do segundo século. Ele conclui que, desde o princípio, as igrejas, assim chamadas hereges e ortodoxas existiram lado a lado, estando as últimas na minoria; as razões pelas quais os grupos “ortodoxos” eventualmente venceram têm menos a ver com uma incompatibilidade teológica percebida pela igreja do que com o que poderíamos chamar de política. A implicação de tudo isso é que mesmo o

cristianismo do primeiro século não era diferente: crenças profundamente diferentes e até mesmo mutuamente exclusivas eram toleradas sem constrangimento.

Esta reconstrução da história mais antiga da Igreja é muito popular entre os estudiosos contemporâneos do NT. Exerceu enorme influência sobre Bultmann e seus discípulos, mas em graus diferentes o seu impacto se fez sentir em círculos muito mais amplos. No apêndice à edição de 1964 do livro de Bauer, G. Strecker levou o argumento mais adiante e concluiu que o cristianismo judaico do primeiro século não era apenas diferente, mas, por padrões “ortodoxos” mais recentes, herético.⁵ Um ponto de vista semelhante é defendido no livro recente de Elaine Pagel, onde se argumenta que as opções teológicas dos primeiros dois séculos, finalmente condenadas como heresias, não haviam sido tão levemente consideradas em sua própria época e deveriam, portanto, ser novamente exploradas como opções para nossos dias.⁶ E. P. Sanders pressupõe que à certa altura as divisões entre o “herético” e o “ortodoxo” começaram a surgir, mas que esta “mudança na conscientização da comunidade cristã” não ocorreu até o segundo ou terceiro século.⁷ Stephen S. Smalley examina o evangelho e as epístolas de João e concluiu que mesmo ali existe grande diversidade, a tal ponto que este conjunto de documentos “mal pode ser considerado conscientemente ortodoxo ou herético; não é uma coisa nem outra”.⁸

Em resumo, a obra de Bauer estabeleceu uma nova ortodoxia crítica quanto a este assunto, e estudos recentes costumam seguir sua orientação.⁹ De tal perspectiva, não é difícil excluir a possibilidade de uma teologia sistemática baseada nos documentos do NT. Um autor nos diz que “a Bíblia não é um escrito unificado, mas uma obra literária de natureza

composta”;¹⁰ em algum nível tal disjunção é indubitavelmente falsa. Outro autor nos afirma que “o NT é o repositório de muitos *kērygmas*, não de apenas um”,¹¹ enquanto que um terceiro diz que há muitas contradições nas Escrituras porque elas constituem “um auxílio no estabelecimento de cronologia e no discernimento de fontes e do desenvolvimento das tradições, sendo assim um auxílio na reconstrução histórica em geral”.¹²

Esta reconstrução crítica da história da igreja primitiva, associada com outros desenvolvimentos que igualmente depreciam a veracidade do Novo Testamento, gerou inúmeras obras que exploram a natureza da teologia do NT. A perda de confiança na unidade do NT estende-se amplamente para trás,¹³ mas os resultados estão bem presentes conosco. Os estudiosos hoje perguntam se a teologia do NT é possível,¹⁴ criam critérios esotéricos, restritos e extra-bíblicos para determinar o que incluir em tal teologia,¹⁵ ou, no caso de teólogos católicos romanos, apelam francamente à autoridade da igreja católica como a única saída para o dilema.¹⁶

A solução proposta por Gabler para a crise epistemológica do pós-Iluminismo, isto é, distinguir com nitidez entre teologia sistemática e teologia bíblica, dando à última o *status* de disciplina histórica,¹⁷ falhou em grande medida. O movimento da teologia bíblica teve o seu momento de glória entre 1930 e 1960, aproximadamente, mas o seu declínio já foi registrado.¹⁸ Mesmo aqueles que insistem chorosamente que o obitório é prematuro¹⁹ não oferecem soluções sólidas, pois, na realidade, ao movimento sempre faltou unidade. Ele foi útil para encorajar estudos específicos em porções menores das Escrituras, mas foi em grande medida incapaz de forjar um consenso quanto ao que deveria ser pregado nas igrejas.

Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática?

Quando ouvimos falar de Teologia Bíblica nem sempre fica claro a que tal expressão se refere. Alguns acham que diz respeito à teologia de acordo com a Bíblia, em oposição a uma teologia herética. Outros imaginam que a referência é a uma teologia baseada nas Escrituras. Nenhuma das sugestões é correta. A Teologia Bíblica define-se a partir de sua distinção em relação à Teologia Sistemática e à História das Religiões. A proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, de modo indutivo, sem depender das categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática.

Mas, essa tentativa saudável tem produzido uma desconfiança mordaz da Teologia Sistemática. Alguns a consideram impossível, outros a consideram uma filosofia que procura desfigurar o conteúdo bíblico e há até quem a repudie, considerando-a inútil. Como lidar com o problema? Justifica-se a elaboração sistemática da fé? Não seria a sistemática apenas um referencial confessional sem base bíblica suficiente? Como relacionar as duas disciplinas?

Ninguém melhor do que o Dr. Donald A. Carson para abordar o assunto. Possivelmente o mais respeitado erudito da área de Novo Testamento do mundo, no contexto evangélico, o Dr. Carson é reconhecido como grande pregador, exegeta e intérprete cristão de nossos dias. É escritor prolífico e reconhecido em todo o mundo. Além disso, é doutor em teologia pela respeitadíssima Universidade de Cambridge (Inglaterra) e professor da área bíblica de um dos mais respeitados seminários norte-americanos, da Trinity International University.